

Dora Kramer*

Haddad está diferente

O ministro Fernando Haddad (PT) está diferente. Já faz algum tempo e foi um pouco antes da onda dos ricos contra pobres. A mudança ocorreu por ocasião da chamada crise do Pix, quando dizia que críticas ao governo equivaliam a ataques à democracia.

De início soou um tanto estranha a inflexão do discurso na boca do até então ministro que se atinha às questões da Fazenda de maneira, digamos, técnica, sem se deixar levar por emoções político/eleitorais.

Haddad representava um espaço de racionalidade no ambiente

das tensões petistas com a oposição e pagava um preço por isso no partido. Era tido quase como um quinta-coluna. Culpado pelos revezes do governo, viu-se isolado e não raro desqualificado por excessivamente comedido.

A situação o atingiu pessoalmente. No semblante, era nítido o cansaço e o desconforto. A ponto de, à época, se especular sobre sua permanência no ministério. Foi dado inclusive como excluído das possibilidades eleitorais do PT. Alguém assim, de modos tão equilibrados, não poderia almejar eventual substituição de Lula (PT) na corrida presidencial ou na disputa estadual em São Paulo.

Mas isso tudo faz tempo; Fernando Haddad mudou. Vestiu a farda de militante, adotou vocabulário de palanque e passou a se mostrar um combatente afiado dos “nós contra eles” e agora no embate com o Congresso, chamado pelo governo a fechar as contas públicas.

Antes disso seria inimaginável ouvir de Haddad, por exemplo, termos como “abanar o rabo” para dizer o que o Brasil não fará no encaminhamento da crise do tarifago

EDITORIAL

As ondas políticas na América do Sul

A eleição de Rodrigo Paz Peireira não marca apenas o fim da era da esquerda na Bolívia depois de 20 anos, mas também um processo eleitoral que vem sendo feito nos países da América do Sul.

Durante muito tempo, as nações sul-americanas foram dominadas pela onda da esquerda, principalmente entre os anos de 2010-2020, capitaneados pelo efeito Lula no Brasil. As ideias do bem-estar social e de um progresso social estavam mais em voga e foram difundidas pelos países. Porém, ja na virada para a década de 2020, as coisas começam a mudar e uma ideia de conservadorismo começou a crescer, com alguns territórios, como o próprio Brasil, migrando para governos mais ao centro e à direita. Hoje, há uma divisão entre as ideologias, mas com algumas peculiaridades a serem vistas em cada nação.

Uma que faz bem esse revezamento, muito em virtude de sua constituição, que não permite reeleição, é o Chile. Desde a saída de Michelle Bachelet a esquerda não tem mais a mesma força no país. Mas ora fica se revezando o poder com a direita, como se a população também não gostasse de um governo ou de outro, querendo mudança constante de domínio político.

Para as próximas eleições, por exemplo, o grande favorito é o centro-direita José Antônio Kast, que já se candidatou à presidência nas eleições de 2017, mas não foi ao segundo turno. Sua principal adversária é a comunista Jeannette Jara, que pode ser a continuidade de um governo de esquerda, mas num caminho um pouco mais radical ao

Vinícius Lummertz*

Rio, e agora, Babilônia?

O Rio de Janeiro é a cidade que mais viveu a política brasileira. Nenhum outro território concentrou tanta história, glória e trauma. O Rio foi o laboratório de todas as nossas experiências de poder, coloniais, imperiais, republicanas, populistas e democráticas.

Desde o início, foi uma terra disputada por portugueses, espanhóis, corsários ingleses e franceses. Sua baía, de beleza e importância estratégica únicas, foi o ponto de contato entre o sonho europeu e o mistério americano. Viveu as capitanias hereditárias, as lutas pela posse do território e o nascimento de uma sociedade mestiça, criativa e rebelde.

A grande virada veio em 1808, com a chegada da corte portuguesa. Nenhum outro país das Américas recebeu um império europeu inteiro. Dom João VI trouxe o poder, as instituições e a modernidade. Criou o Banco do Brasil, a Imprensa Régia, o Jardim Botânico e a Biblioteca Nacional. O Rio deixou de ser colônia para se tornar capital do Reino. Foi o primeiro salto civilizatório do país e também o primeiro trauma: o Brasil nasceu com o poder transplantado, centralizado e distante de seu próprio povo.

A cidade seria, desde então, o palco dos grandes atos da história nacional. A Independência, proclamada por Dom Pedro I; as Regências e suas revoltas; o Império e seu longo ciclo de estabilidade e desigualdade; o florescimento cultural e científico do Segundo Reinado; e, por fim, a derrocada da monarquia tropical, marcada pelo fim da escravidão e pela proclamação da República.

Mas a República nasceu, também, no Rio, e nasceu militar. Foi um golpe de quartel, uma revolução de generais, que depôs o Império e instaurou um regime civil tutelado pelas fardas. Vieram depois os ciclos oligárquicos da República “café com leite”, domínio alternado de mineiros e paulistas, até que novamente o Rio incendiasse a história com a Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder e encerrou a velha ordem.

O Rio foi o palco do Estado Novo, do trabalhismo, da industrialização e do drama final de Vargas, seu suicídio no Palácio do Catete, símbolo de uma política que misturava paixão e tragédia. Depois veio o Lacerdismo, expressão máxima da oratória e da teatralidade política carioca, prenúncio de uma era em que a política brasileira se transformaria em espetáculo.

Quando a capital foi transferida para Brasília, o Rio perdeu o centro do poder formal, mas manteve o da alma nacional. A cidade deixou de comandar o Estado, mas passou a comandar o imaginário. Brasília representava o poder racional e planejado; o Rio, o poder emocional e vivido. O coração político do Brasil mudou de lugar, mas a alma ficou ali, entre o Pão de Açúcar e o Corcovado.

Durante o regime militar, o Rio perdeu influência institucional, mas ganhou densidade cultural. Da resistência nasceram a bossa nova, o cinema novo, o teatro político, o jornalismo moderno e a televisão popular. O Rio tornou-se a consciência estética e moral do Brasil.

Foi também o berço de um mito urbano global: a “cidade maravilhosa”, mistura de natureza e invenção humana. Do samba ao futebol, do carnaval ao calçadão de Copacabana, o Rio transformou o cotidiano em espetáculo. Exportou alegria, corpo, ritmo e linguagem. E o Brasil aprendeu a se ver e a ser visto por meio de sua estética carioca.

Nos anos 1950 a 1980, viveu um brilho planetário. Era uma Babilônia tropical, esplendorosa e contraditória, rebelde e sensual, convivendo com o contraste entre o Cristo e o morro, o mar e a desigualdade. O Rio era o palco onde o Brasil se representava diante do mundo, exuberante e ferido, moderno e arcaico, luminoso e trágico.

Mesmo depois da decadência, o Rio manteve o dom de comover. Recebeu o planeta na Copa de 2014 e nas Olimpíadas de 2016, e mostrou que ainda sabia emocionar e celebrar. Nenhuma outra cidade do mundo, em tão pouco tempo, sediou tantos eventos planetários com tamanha energia. Mas a ressaca veio rápido: colapso fiscal, corrupção, violência, desalento. O império virou ruína, e a ruína virou espelho.

Ainda assim, o Rio não se entrega. Sua força está na cultura, no talento e na resiliência, essa capacidade rara de renascer de si mesmo. É uma cidade que cai e se ergue, que se perde e se reencontra. Como a Babilônia bíblica, é símbolo de grandeza e advertência: mostra o que o Brasil pode ser e o que o Brasil teme se tornar.

O que o Rio mostrou todos esses anos é que sempre conseguiu sair das encruzilhadas e surpreender. A Babilônia carioca sempre deu a volta por cima, até aqui, até

Arte erudita precisa ser popular

O Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro recebe, até o dia 25 de outubro, sempre às 19h, o Notas Comentadas, série de música de câmara da Orquestra Petrobras Sinfônica. A programação reúne três concertos gratuitos que evidenciam a versatilidade dos músicos da orquestra, com repertórios variados e experiências sonoras de grande proximidade com o público. As apresentações também contam com a presença de Monique Andries, coordenadora do Núcleo Educativo e Academia Juvenil da Petrobras Sinfônica, que fará comentários explicativos sobre as obras, compositores e músicos.

Nos últimos anos, a Orquestra Petrobras Sinfônica vem fazendo apresentações acessíveis a todos, mostrando que aquela história de que o brasileiro comum não gosta de cultura erudita não passa de uma grande balela. O que faltava mesmo eram oportunidades po-

pulares para que pudesse apreciar e prestigiar grandes obras.

Nesta sexta-feira (24), entra em cena um grupo de cordas e clarineta, que uma lirismo e intensidade em obras de Carl Maria von Weber e Johannes Brahms.

O encerramento, no dia 25, sábado, será com um quinteto de flauta e cordas, em um encontro que destaca a delicadeza e a leveza das melodias de Mozart, Ravel e Marcelo Bomfim.

Quem não conseguir ir neste fim de semana terá outras oportunidades. Isso porque a série Notas Comentadas se estende até o fim do ano. O público também poderá conferir a Orquestra Petrobras Sinfônica no CCB entre 13 e 15 de novembro e 11 a 13 de dezembro.

Se querem que o povo curta música erudita, ações gratuitas como essa são fundamentais. Baita acerto dos envolvidos.

Aristóteles Drummond

O Supremo Político

Virou moda aspirantes a altos cargos eletivos dizer que não são políticos. E, com certa hipocrisia, tem sido comum o uso de uma pretensa distância da política ser proclamada como grande qualidade. Fraude, ignorância e certa arrogância.

Não existe democracia sem políticos. E a democracia tem se enfraquecido em muitos países, como no nosso, pelo distanciamento de suas elites empresariais e intelectuais da vida pública. Esta atitude abriu espaço para aventureiros, fariseus, que exploram a fé, a desilusão popular com tanto abandono do espírito público que marcou as gerações anteriores. Por outro lado, criticam o Judiciário

por uma suposta postura política, que, na verdade, se dá pela omissão do Poder Legislativo, que fica na baixa política e não legisla para tirar o país da dependência dos tribunais.

Grandes nomes do Supremo Tribunal na República foram políticos com presença no Legislativo. Assim como Rui Barbosa e Epitácio Pessoa, os deputados marcantes como Aduino Lúcio Cardoso, Bilac Pinto, Oscar Corrêa, Aliomar Baleeiro, Nelson Jobim, Hermes Lima e Paulo Brossard. Notáveis juristas, advogados, tiveram passagem pelas urnas, como Bernardo Cabral, o relator da Constituição de 88, o professor Corrim Neto e San Tiago Dantas, entre outros.

ser independente.

Trazer de volta as chamadas forças vivas da nação, empresários, profissionais liberais, intelectuais, formadores de opinião que não sejam radicais, e sim alheios a este clima perverso de confronto que vivemos e compromete o futuro com ordem e progresso, é medida que se impõe. Afinal, todos terão muito a perder com o derretimento do país, que tem problemas que pedem soluções enquanto é tempo.

A mais é bom lembrar que político com mandato foi votado. Para os parlamentares serem melhores os eleitores precisam ser criteriosos.

Novos tempos, novos atores!

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JUNTA MILITAR ASSUME O PODER NO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de outubro de 1930 foram: Triunfa a Revolução!

Washington Luiz é intimado a deixar o poder pelos generais de Terra e Mar. Mena Barreto e Juarez Távora assumem o Brasil provisoriamente. População carioca vai às ruas celebrar a renúncia do presidente.

HÁ 75 ANOS: COMUNISTAS VOTARAM EM VARGAS PARA PRESIDENTE

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de outubro de 1950 foram: Urnas revelam traições no PSD contra Machado para eleger Vargas, que também recebeu grande apoio dos comunistas. Em nova parcial, o senador gaúcho chega aos 3,5 milhões de votos e Eduardo Gomes está com 2,1 milhões; Cristiano Machado tem 1,5 milhão de votos. Lei

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sebreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br
Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.